

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

D O

Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

IBECC

(Comissão Nacional da UNESCO)

Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF. - Brasil

MILINDÔ, DANÇA POPULAR DO RICO FOLCLORE CARIRIENSE

Nas noites enluaradas, sem ritmo, ecoava nas quebradas dos pés-de-serra do Araripe - Sera de origem local ou veio das plagas alagoanas?

J. de Figueiredo Filho.

Há tempos atrás, em muitas noites, dificilmente podia conciliar o sono, a ouvir ininterruptamente, toada de mulheres, em cântico, a encher o espaço, ecoando nas quebradas dos pés-de-serra. O ritmo era bem monótono, como todo o cantar tipicamente sertanejo. Aquilo me incomodava, mas não deixava de chamar-me a atenção. Cheguei até a presenciar aquela dança feminina, ritmada ao som daquelas vozes, que tão bem se confundiam entre si.

A função, tão comum no sítio Lameiro, cessou. A dona da casa promotora do folguedo - Joana Matias, enviuvara, com a morte trágica, por mão próprias, do marido. A casinha de palha, à beira do Riacho Piabas, nome do Grangeiro antes de penetrar na zona urbana de Crato, não alojou mais festas. Ficou apenas como a morada do trabalho exaustivo, no amanho da terra, na fabricação de óleo de noqueira e na lavagem de roupas de freguesia citadina.

Esqueci-me da dança, por não ter sido mais exibida naquela região. Ao narrar na imprensa, as festividades folclóricas do centenário de elevação de Crato à cidade, alguém me insinuou que não esquecesse de citar o MILINDÔ, embora não exibido naquelas comemorações que marcaram época no Ceará, como folguedo bem caririense.

Ao ver a pequena nota que escrevi sobre aquela função matuta, o grande folclorista Luiz da Câmara Cascudo escreveu-me, pedindo-me maior esclarecimento do assunto por mim tocado de leve, em reportagem para O POVO e o "Diário de Pernambuco".

Procurei Joana Matias, antiga vizinha do Lameiro e era residente na cidade. É mulher de certa idade, trabalhadora ao extremo, com noção de responsabilidade de criar família, com poucas pessoas possuem atualmente. É parda e esguia, podendo suportar, ainda hoje, horas ininterruptas no trabalho. Assim criou suas filhas que só saem de casa, quando vão casar com caboclos bem afeitos aos deveres.

Joana Matias prontamente atendeu ao meu pedido e prontificou-se a citar versos de cor, com a respectiva toada, dançou em minha presença e ainda citou casos ligados àquela função, outrora bem espalhada nos sítios caririenses.

O MILINDÔ COMO É DANÇADO NOS PÉS-DE-SERRA DE CRATO

O Milindô é dança de roda do gênero Côco, mas com certa diferenciação. No côco é de praxe só haver um tirador de versos, enquanto todos os outros dançadores entoam o estribilho em cântico e muitas vezes batendo palmas. No milindô cada componente do folguedo pode tirar seus versos, de sua própria composição ou de qualquer cantador popular. Em casa de Joana Matias dançavam apenas mulheres, prática comum em outros locais.

Na ocasião em que se canta o estribilho, em côro, os pares despregam-se da roda em movimento e dão uma volta completa. O ritmo da música pode variar da marchinha para o baião e até mesmo para a valsa que teve o condão de adaptar-se, com feitiço regionalista, em quase te dos os recantos do planeta.

Vejamos amostra do Milindô:

"Olê milindô !
Olê milindô !
Minha nêga
Tintim tim dandô".

A influência africana na quadrinha está bem clara.

Confessou-me minha informante que, em sua mocidade, conhecera moça procedente de Palmeira dos Índios, em Alagoas, que era perita tiradora de versos próprios, ou em cantar outros decorados, de poetas de sua terra, nas brincadeiras do milindô. Disse-me também que, desde menina presenciava aquele folguedo nos sítios cratenses. Isso demonstra que se tal função nos chegou das Alagoas, foi muito antes da corrente imigratória, vinda para Juazeiro do Norte, atraída pelo Pe. Cícero Romão Batista. Sempre tivemos imigração regular, primeiramente da Bahia e Sergipe, conforme comprovou, em artigo na revista "Itaytera", de 1955, o historiador Pe. Antonio Gomes de Araújo, e depois outra de Pernambuco e conseqüentemente de Alagoas, terras identificadas pela intensa produção canavieira.

Agora passemos a conhecer o milindô, em cadência de valsa:

"No terreiro de minha casa
Vamos vadiá !
Tá se enchendo de capim.
Vamos vadiá !
Tá se acabando as passadas
Vamos vadiá !
Que meu bem dava por mim.

Côro:

Cavaleiro rode a dama
Vamos vadiá !
Cada qual em seu lugá.
Valsnu ! Valsá !
Vamos vadiá !
Valsou ! Valsá!"

No milindô não há acompanhamento de qualquer instrumento musical, nem que sejam os mais rudimentares, a exemplo do ganzá, maracá, ou réco-réco. A dança acompanha o ritmo dos cânticos. Não fica ninguém no meio da roda dançante, como sucede no Samba da Bahia, ou na dança - Viadinho também integrante do folclore cariense. Podem os pares ser trocados, quando se canta o estribilho, mas sempre com os vizinhos, a fim de não perturbar a harmonia do folguedo.

Às vezes podemos ouvir versos cadenciados em música de marchinha:

"A flor do manacá
É branca e cheira,
Todo mundo bem que sabe
Que eu sou solteira".

São cantares do milindô feminino, última sobrevivência daquela função, em terras do Vale Cariense.

Outra amostra:

"Bravo do carreiro
 Que canta no matapasto,
 Canta na sexta e no sábado,
 No Domingo té meidia.

Bravo! Bravo!
 Que mal te fizeram.
 Teu amor sou eu".
 Bravo! Bravo!

Ou então:

"Vou me embora
 Lá pro alto,
 Que do alto vejo bem,
 Lá de casa de meu sogro
 Vejo os olhos de meu bem!

Quando eu tava na calçada.
 Que o sereno me cobriu,
 Quando eu vi, Você não estava,
 Quando eu vi, Você não me viu!"

Nesses versos não se nota qualquer influência africana, como no primeiro que citei, que parece ser o mais antigo e justamente o que deu origem ao nome da brincadeira popular do Cariri, ou de outra região do Nordeste.

Todos êsses folguedos bonitos e inocentes estão a desaparecer do cenário sertanejo, com a civilização que penetra no interior. Rádios e amplificadoras de som são agora que ditam a música pre-ferida do povo. Muitas vezes chega-nos de retorno o ritmo do baião que nasceu nos brejos e nos pés-de-serra nas sanfonas e nas músicas de couro, popularizado e transformado agora pelo malandro das favelas e dos morros cariocas.

ILB.